Panorama

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

Número 23 * Ano 4.º * 1945

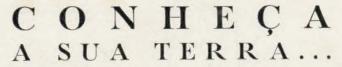
CONHEÇA A SUA TERRA...

...CONHEÇA-A O MELHOR QUE PUDER.

A revista PANORAMA, vai mandar executar capas especiais para encadernação, necessitando para isso de confirmação dos numerosos pedidos até hoje recebidos. A demora na escolha das capas há muito anunciadas, deve-se às dificuldades actuais e aos demorados ensaios e consultas que foi necessário fazer para conseguir uma capa de luxo, condigna da categoria e da apresentação gráfica desta revista. As capas serão executadas em cartão forte (Ota n.º 30) forradas a pano expressamente estampado com motivos especialmente desenhados e reproduzidos em «Silk Screen Process».
Acompanham as capas, as respectivas guardas em bom papel, também especialmente executadas e com desenhos reproduzidos pelo mesmo processo.
Esta encadernação destina-se aos primeiros seis números da revista que constituem o primeiro volume.
Para os restantes serão sucessivamente editadas as respectivas capas, com desenhos e côres diferentes.
Todos os pedidos devem ser imediatamente dirigidos à administração do PANORAMA, R. de S. Pedro de Alcântara, n.º 45, 1.º Esq.º, afim de que até ao próximo dia 20 de Abril se possa fazer o apuramento do número de capas a executar.
Do número de pedidos dependerá o custo de cada capa que na pior hipótese nunca irá além de 70$00.
Dado o tempo decorrido sôbre alguns pedidos já feitos, pede-se a todos os Ex.mos assinantes e coleccionadores do PANORAMA, que já tenham feito as suas requisições de capas, o obséquio de as confirmarem.

APERITIVOS — VINHOS DE MÊSA — ESPUMANTES NATURAIS — VINHOS DO PÔRTO — BRANDIES

SEDE EM GAIA: TELEF. 3478 · FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117, TELEF. 2 2556 · DEPÓSITO NO PÔRTO: RUA DE ENTREPAREDES, TELF. 440

CONHEÇA A SUA TERRA...

...CONHEÇA-A O MELHOR QUE PUDER.

POR TÔDA A PARTE, NOS RESTAURANTES OU NOS HOTÉIS, EXIJA A GAMA COMPLETA DOS VINHOS DA

Real Vinicola

APERITIVOS — VINHOS DE MÊSA — ESPUMANTES NATURAIS — VINHOS DO PÔRTO — BRANDIES

SEDE EM GAIA: TELEF. 3478 · FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117, TELEF. 2 2556 · DEPÓSITO NO PÔRTO: RUA DE ENTREPAREDES, TELF. 440

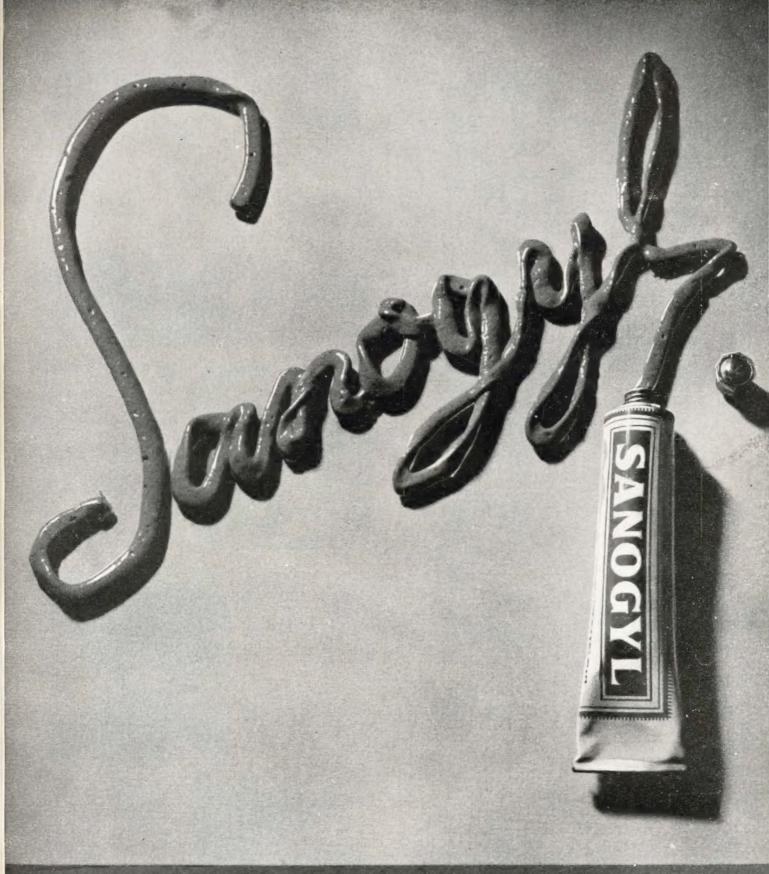
LEITE CONDENSADO "NESTLÉ"

**DE ALTO VALOR NUTRITIVO, RICO EM VITAMINAS
E MAIS DIGESTIVO QUE O LEITE FRESCO**

SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS

AVANCA-PORTUGAL

AS PRATAS PORTUGUESAS FORAM SEMPRE O PRESENTE DE MAIOR VALOR ARTISTICO

FOTO MÁRIO NOVAES

A HIGIENE CIENTÍFICA DA BÔCA

Aqui se aconselha...

TABOT — *cabeleireiro visagiste* — na Rua Aurea, 170-1.º, apresenta os seus produtos de estética: Cremes de dia e de noite, loção epidérmica, pó de arroz, rouges, brilhantinas, verniz para unhas, creme de massagem, água desincrustante, etc. Tem tôdas as especialidades para tratamentos e conservação de Beleza. Use os produtos de estética do VISAGISTE TABOT.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

ESTA fotografia é de uma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

OS cremes de beleza SEMIRAMIS, pela maneira cuidadosa como são preparados, pela finíssima qualidade e pureza das matérias utilizadas na sua constituïção, dão plena garantia de êxito no tratamento racional da pele. Depósito geral: Rua Eugénio dos Santos, 27, 3.º Lisboa, Telefone 25 292.

que leia, veja e compre

O CHÁ CELESTE, de paladar delicado e aroma delicioso, é uma mistura de finíssimos chás, cultivados e preparados em Milange (África Oriental Portuguesa). Estas altas qualidades que distinguem o CHÁ CELESTE — são o motivo que o tornam sempre preferido. Não esqueça: CHÁ CELESTE. Bebê-lo uma vez é depois preferi-lo para sempre.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Mesmo que não esteja... Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gôsto», para oferecer a alguém de sua amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — como sejam: candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na CASA ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

ABIDIS HOTEL ★ SANTARÉM

Santarém é um óptimo ponto de partida para excursões aos mais pitorescos pontos do Ribatejo. Assim, quando quizer visitar aquela região, tem naquela cidade o Abidis Hotel, na Rua Guilherme de Azevedo, 22, com instalações modernas e ambiente acolhedor. Escreva a reservar quarto para ali passar um fim-de-senana, ou mesmo alguns dias de férias. Telef. 107

TRABALHOS FOTOGRÁFICOS PARA AMADORES

J.C. ALVAREZ L.DA

TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

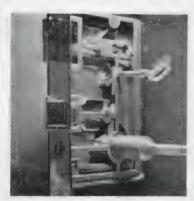
205, RUA AUGUSTA, 207
TELEFONE 26616 · LISBOA

Aqui se aconselha...

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

DESEJA decorar a sua casa, dar-lhe um ambiente moderno? Procura reclamar e apresentar com bom gôsto os produtos do seu comércio ou indústria? Aconselhe-se no ESTÚDIO DE ARTE «STOP», na Rua Nova da Trindade, 6-A, telef. 28498, Lisboa, que lhe indicará quadros modernos, objectos de arte em cobre, ferro forjado, madeira, etc., que lhe dará desenhos de rótulos, embalagens, montras, cartazes, e cuidará de litografias e da publicidade.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

que leia, veja e compre

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas, NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de Méco, Lda., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.°, no Pôrto.

NA foto ao lado vê-se uma caixa para BRIDGE, com 2 baralhos, 4 «carnets» e 4 lápis. É forrada de sêda, coberta de pele, dourada a quente sôbre fôlha de ouro, tendo na tampa uma gravura autêntica de uma carta geográfica do séc. XVIII. Há de tôdas as côres e grande variedade de gravuras, sempre autênticos, e também em madeira com as mesmas características. DENA, LDA., Rua Garrett, 74, 2.°, Lisboa.

O INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA, modelar organização de produtos medicinais, não dedica a sua actividade ùnicamente à preparação de especialidades farmacêuticas. Possui também uma secção onde se fabrica cuidadosamente diverso MATERIAL CIRÚRGICO E SANITÁRIO. A foto mostra um modêlo de balança para a pesagem de crianças, fabricado naquelas oficinas.

JÁ experimentou alguma vez os produtos de beleza *Rainha da Hungria*, de MADAME CAMPOS? Os *Cremes* para de dia e para de noite, e o *Pó de Arroz Rainha da Hungria*, tão conhecidos e afamados, foram escrupulosamente estudados antes de serem lançados à venda. Assim, estes *Cremes* são cientìficamente preparados e a sua pureza é inexcedível; o *Pó de Arroz* é fino, aderente e invisível. Experimente os Produtos Mme CAMPOS

SÃO INCOMPARÁVEIS OS MARAVILHOSOS PRODUTOS DE BELEZA

RAINHA DA HUNGRIA
RODAL ♣ OLY
YILDIZIENNE
MYSTIC
e

Mme CAMPOS

DA ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

AVENIDA DA LIBERDADE, 35, 2.° · TEL. 21866 · LISBOA

CASTELO
40 LUXO 25
Fosforos
CASTELO

PHILIPS

TRABALHA.

Nas fábricas Philips, dispersas pelo mundo e onde a actividade não sofre interrupção, engenheiros e homens de ciência efectuam com o maior êxito pesquizas no campo da física electrónica.

Dêsses trabalhos já resultaram uteis inventos, e novas realizações se esperam com vista ao bem da Humanidade.

Em Philips, os seus processos, a sua tècnica, a sua produção são inteiramente dedicados a tornar a vida melhor num mundo melhor.

Philips continuará sempre como símbolo da melhor qualidade.

LÂMPADAS DE ILUMINAÇÃO — RADIO E TELEVISÃO — EQUIPAMENTOS DE EMISSÃO — RAIOS X

DISPOSITIVOS ELECTRONICOS — MATERIAL CIRURGICO — ELECTRICIDADE INDUSTRIAL, ETC.

EIS O HELICÓPTERO DE SIKORSKY, O EXTRAORDINÁRIO APARELHO QUE SOBE E DESCE VERTICALMENTE, QUE PAIRA NO AR O TEMPO QUE SE QUERE... A AERONAVE QUE TODOS GOSTARÍAMOS DE POSSUIR... A «VOITURETTE» DE AMANHÃ, PARA A QUAL JÁ HOJE SE FABRICAM COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES INTAVA DE QUALIDADE INEXCEDÍVEL.
INTAVA
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.
2034

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º-TEL. 29311-LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E CULTURA POPULAR

NUMERO 23 ★ ANO DE 1945 ★ VOLUME 4.º

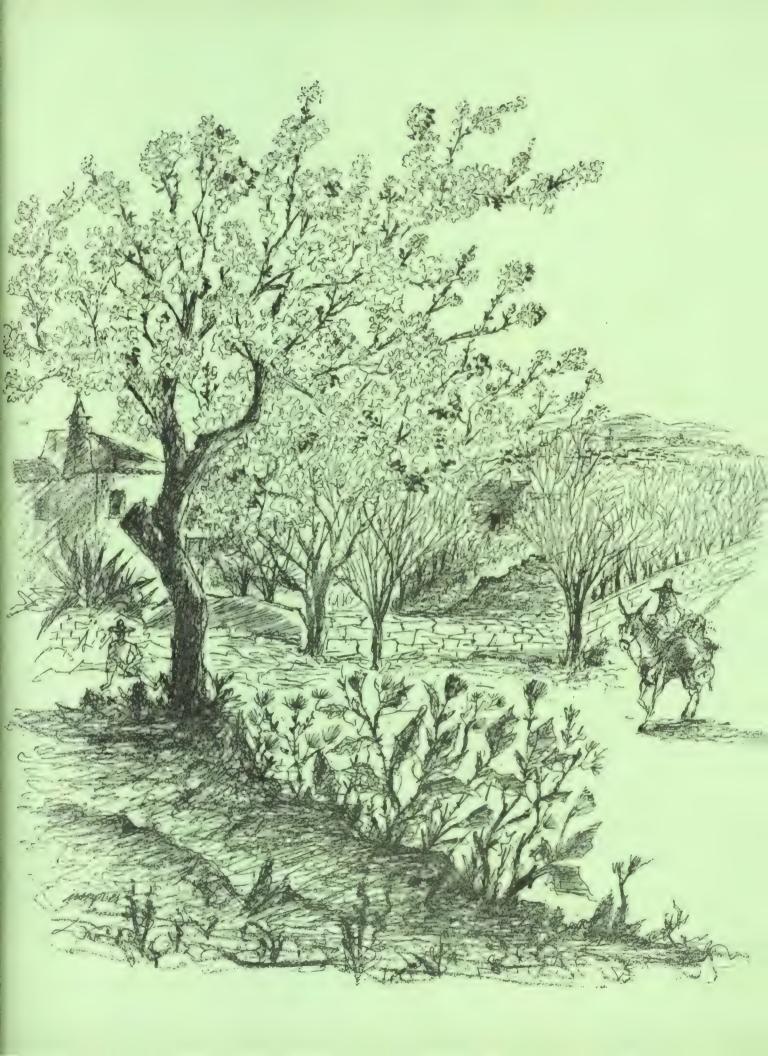
CAPA: CALDAS DE MONCHIQUE (GRAVURA DO SÉC. XIX) — DESENHOS DE BERNARDO MARQUES E MANUEL LAPA — FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO LOPES, A. PATRICIO, CORREIA, ENG.º FERRUGENTO GONÇALVES, HORACIO NOVAES, JOÃO MARTINS, MANFREDO, MARIO NOVAES, MARQUES DA COSTA E TOM.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 45$00 — Estrangeiro: 70$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua do Ouvidor, 106, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., Fotogravura Nacional, Lda. e A Ilustradora, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade

PREÇO: 7$50

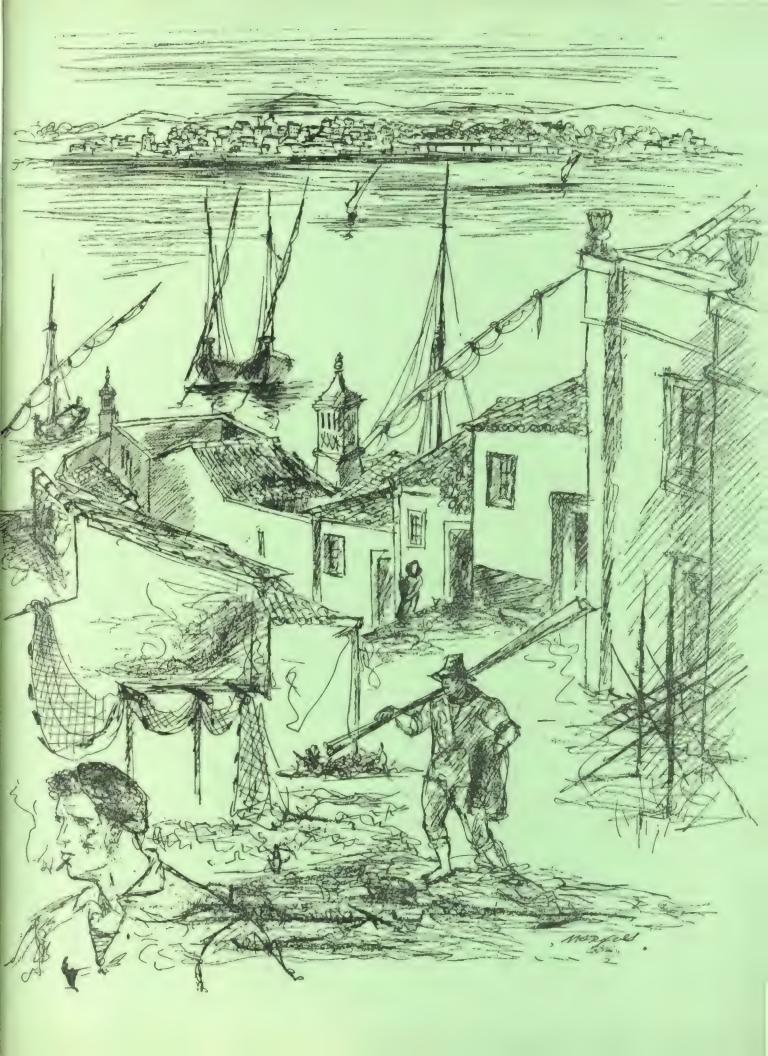
PEQUENA ANTOLOGIA DO
ALGARVE

Os que uma vez embarcaram abaixo de Serpa, onde as cataratas põem ponto à navegação, Guadiana em fora até o Algarve, terão sentido, ao chegar à foz, a impressão de quem deixa uma gruta escura por uma planície luminosa. Breve é a extensão do Algarve, desde Vila-Real até Lagos, abrigado pela ponta do Cabo de S. Vicente; mas êsse trajecto sombrio do Guadiana divide duas regiões caracteristicamente acentuadas. O algarvio é um andaluz. Ao contrário do alentejano, tudo o interessa, de tudo fala, agita-se em permanência, com uma vivacidade quási infantil. [...] Ao calor de um sol já africano, durante o estio, e no seio de uma constante primavera, durante o inverno, o algarvio desconhece a aspereza da vida: nem os frios o obrigam à indústria para se vestir, nem a fome ao duro trabalho da enxada para comer. Enquanto voga sôbre o mar, mercadejando, pescando, contrabandeando, crescem-lhe no campo a figueira, a amendoeira, a laranjeira, cuja

seiva o sol se encarrega de transformar todos os anos em frutos. A alfarrobeira nas encostas da sua serra, a palma pelos valados, pedem apenas que lhes colham os frutos e os ramos; e o mercador, no seu barco, ao longo da costa, espera as cargas, para as trocar por dinheiro.

OLIVEIRA MARTINS

O Algarve é, de tôdas as províncias de Portugal, aquela em que mais se conservam os vestígios da dominação árabe. Nos contos populares, nos nomes de muitas vilas e aldeias, em várias ruínas de edificações pouco importantes, vive ainda a tradição mourisca. Nos primeiros tempos da monarquia o Algarve conservou parte da grande importància que tinha como possessão árabe. Foi, no século XV, a província dilecta do infante D. Henrique, que morreu em Sagres. Foi da baía de Sagres e de Lagos que saíram as famosas caravelas que descobriram a costa oriental e ocidental da África. [...] Os algarvios são em geral, inteligentes, activos, batalhadores, persistentes. Conhece-se a história das suas famosas guerrilhas nos tempos de revolução. Nas povoações do litoral, com o Monte-Gordo, Fuseta, Olhão, todo o homem é pescador ou marinheiro. A pesca do atum é um dos principais recursos económicos da província. O algarvio tem a vocação do mar, ama as suas convivências, as suas aventuras, os seus perigos. Por ocasião da retirada do exército francês, em 1808, de Olhão partiu a embarcação que foi ao Rio-de-Janeiro levar a notícia da libertação da pátria a D. João VI. A embarcação, tripulada com algarvios, que para êsse fim atravessou o oceano, era uma simples lancha!

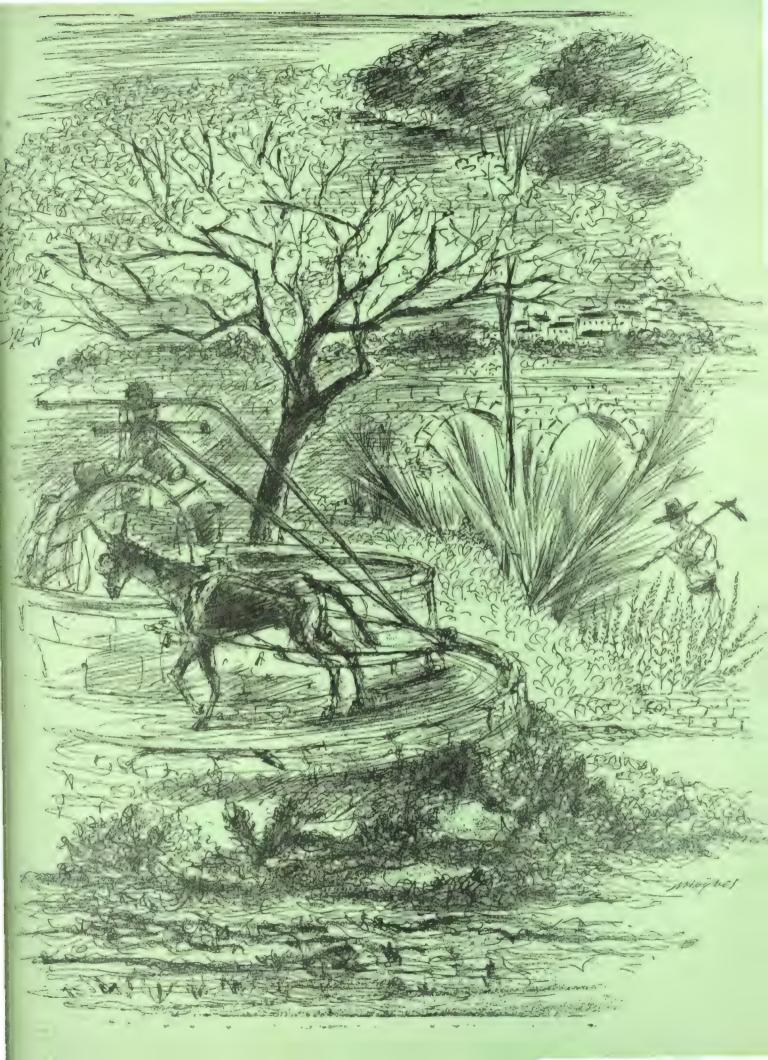
RAMALHO ORTIGÃO

No pequeno trecho da costa do Algarve, ocupado pela baía de Lagos, a areia é fina e doirada, como os poetas a desejaram; os rochedos, de composição calcárea e mistura de argila, revestem tonalidades de infinita riqueza e variedade: amarelo de oiro até ao salmão escuro; sangue de boi ao rosa pálido. Rochedos que a acção do mar e dos ventos foi roendo, semeando-se ao longo da costa em leixões das formas mais diversas: pirâmides, esfinges, castelos e basílicas;

e que na parte de terra se cavam em fojos cilíndricos, em grutas profundas, em túneis circulares, por entre derrocadas de penedias multicores, a evocar ruínas de cidades colossais; e na parte ainda segura, firme, deixando sempre livre uma estreita cornija, para onde é fácil a passagem, e que descobre de um lado a praia e o mar, e do outro a grande planície ondulante, verdejante e risonha, que vai bater nas faldas da serra de Monchique, armada no horizonte e fechando-o ao Norte, com duas altíssimas corcovas. E na disposição de todos os planos, na proporção de tôdas as linhas, um tal equilíbrio, uma graça quási arcádica, que seja qual fôr o lado por onde a vista as emoldure, dá um quadro embevecedor e perfeito.

M. TEIXEIRA-GOMES

Os barcos rodeiam as rêdes. Vai-se meter o atum no copo, vai-se *coar*, operação delicada, porque basta uma toninha, cabeça de rato, ter-se metido no quadro, para o atum, que é muito tímido, saltar fora. A barca fechou a porta. Seis calões em roda puxam as bóias do saco sôbre a borda. Primeiro colhem a rêde de malha mais larga, e depois a outra, conduzindo pouco e pouco, e a mêdo, o peixe para o copo. É o momento... Uns homens tem na mão direita a ganchorra curta e afiada, prêsa ao pulso pela alça, e outros, armados de um bicheiro mais comprido, só esperam que o atum comece a saltar para o chegarem aos barcos. Agita-se a água... Vêem-se os grandes dorsos reluzentes e os rabos que chapinam. Noventa negralhões meio nus, de calças arregaçadas e camisolas azuis, estão prontos a matar. Gritam: — Agora! — Espetam o peixe. Para não cairem à água, deitam a mão esquerda à corda amarrada ao pau de entre-vela, curvam-se e fisgam-nos pela cabeça. O peixe resiste e quere fugir: sentindo-se prêso, ergue-se, apoiado na cauda, e é êsse movimento de recuo que ajuda o homem a metê-lo para dentro da caverna, largando logo da mão o bicheiro, que lhe fica suspenso do pulso pela alça. Baixa-se o homem, ergue-se logo... Os barcos estão cheios de peles luzidias e de manchas gordurosas de sangue.

RAUL BRANDÃO

Desenhos de Bernardo Marques

O MEU ALGARVE

Província onde nasci, amada do luar
E do sol ruïdoso, ardente, imorredouro;
Lírio fresco e azul deitado à beira-mar,
Com o cális gentil a orvalhar-se em ouro.

Nêsse canto imortal de todo o Universo,
De florestas, de sóis, mares e cordilheiras,
Tu és, ùnicamente, um perfumado verso,
Feito em luar dormente, azul e laranjeiras.

Lindo verso, porém, dessa lira suprema
Com hinos triunfais, auroriais, fecundos,
Que abrange a Vida tôda e faz o seu poema
Rimando montes, céus, oceanos e mundos.

Tens o rir jovial e a bonomia calma,
O dulcíssimo aspecto ingénuo das crianças;
O sol doura-te o corpo, a fantasia a alma;
Fala-te o céu de amor, fala-te o mar de esperanças.

. . . Quando os astros, de noite, errantes e dispersos,
Vierem mergulhar nas águas do teu mar,
Vai ler-lhes, mansamente, êstes humildes versos,
P'ra que digam a Deus como te sei amar.

JOÃO LÚCIO

A L G A R V E

GRANDE ZONA TURÍSTICA DO FUTURO

Quantos portugueses haverá que nunca foram ao Algarve? — Estávamos em Odemira; o automóvel devia partir, dentro de poucos minutos, para o sul. O sul era a outra província, a *última* de Portugal, que já não se encontrava muito distante, e que por nós chamava com acenos amáveis e promessas de frescura. Não porque fôsse dificilmente suportável o calor alentejano: o mês de Outubro decorria ameno, com uma temperatura quási à flor da pele, e nos campos lisos imperavam as mais suaves tonalidades do verde. Mas, nós sabíamos, tão bem como o leitor, que o clima do Algarve era diverso, com outra paìsagem, outra luz, outros costumes... Era tudo isso que acenava por nós; era essa a frescura que insistentemente nos convidava.

A pregunta inicial foi feita pelo nosso companheiro de viagem. ¿Quem poderia responder-lhe? Não seria fácil fazer-se um inquérito e, bem menos, organizar-se uma estatística. Há quem viva nos arredores de Lisboa sem nunca ter vindo à capital. O Minho, que é tido e

A «festa dos noivos» — curioso costume algarvio. — Foto de Tom

Quando o mar está calmo e a pesca é abundante. — Foto de João Martins

havido como uma das mais atraentes províncias do País, continua à espera de que o visite uma percentagem mínima da população portuguesa. — Logo, a resposta mais próxima de uma verdade sem compromisso, talvez fôsse esta: — *A grande maioria dos portugueses nunca visitou o Algarve.*

Contudo, se há região que reüna avultado número de condições para uma intensa e progressiva exploração turística, é, sem nenhuma dúvida, essa luminosa e suave faixa algarvia, com as suas três zonas geogràficamente diferenciadas: a *Serra,* o *Barrocal* e o *Litoral.*

É curioso verificar como se anima e aquece a expressão e o estilo dos escritores que entre nós se abalançam aos descritivos païsagísticos, sempre que desta província se ocupam.

«O Algarve — escreveu o mestre Silva Teles — é um retalho do território português que não se confunde com a terra andaluza próxima, nem com a província alentejana contígua, nem se assemelha à nesga do continente africano fronteiro. É uma região bem definida, um compartimento com feições características. O mar, a planície, a montanha, o céu sempre azul, o ar sempre transparente e limpo, criaram êste quadro geográfico, de uma beleza própria, sem analogias com a linda païsagem minhota, sem as arremetidas da envergadura beiroa ou transmontana e muito diferente da face agitada e pluriforme da Península de Lisboa».

Mesmo que se vá munido do conhecimento dêstes caracteres específicos, não se fica insensível à evidência com que a realidade o comprova: A transição do Alentejo para o Algarve, quando se divisam, através de uma atmosfera refulgente e rósea, as primeiras macias ondulações das serras, é, de facto, surpreendente e maravilhosa. Dir-se-ia que começa a defi-

Esta excelente fotografia de Mário Novaes dá-nos uma idéia da emocionante beleza de SAGRES e do carácter grandioso de vários trechos da costa do Barlavento, que as rochas abruptas dominam, mas que de espaço a espaço emolduram, ou melhor: aconchegam as mais suaves e luminosas praias do litoral português.

nir-se, cada vez mais próxima e mais nítida, a fisionomia de um longínquo país que para ali fôsse màgicamente transportado — com outro clima, outra vegetação, outra côr, outros costumes e usos.

A própria arquitectura urbana, nas mais características povoações algarvias, onde a impecável brancura das casas, as *açoteias* e as chaminés rendilhadas evocam a longa permanência dos árabes e o poderoso influxo da sua civilização, é absolutamente inesquecível. É certo não ser esta província extraordinàriamente rica de obras artísticas e monumentais, e serem feias, até, debaixo do ponto de vista arquitectónico, muitas das suas cidades. Já Raúl Proença o

notara, com o seu penetrante espírito de observação e inflexível amor à verdade, fazendo, no «Guia de Portugal», estas justas observações: — «Nada mais banal, por exemplo, do que as cidades da província, sem monumentos, sem parques e sem jardins, e cuja arquictetura regional, tão pitoresca, foi substituída por uma série de construções sem carácter e sem lógica, absolutamente divorciadas do ambiente e das tradições, nos modelos mais torpes e mais chinfrins». Mas, logo a seguir, ressalva: — «É preciso conhecer as vilas, as aldeias, os campos, a serra, o mar, (no Barlavento) para sentir e amar o Algarve como êle deve ser amado — como um dos mais lindos, originais e sugestivos rincões da terra portuguesa».

No mesmo *Guia* se indicam quais

Algumas típicas chaminés algarvias, da Quarteira, Loulé e Salir. — Fotos de A. Ferrugento Gonçalves

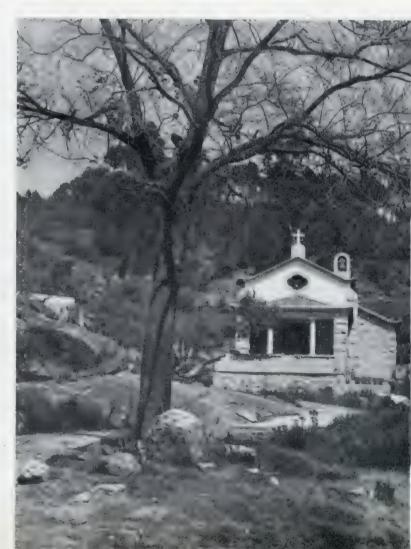
Um vendedor de peixe algarvio no seu pachorrento e simpático meio de transporte

as povoações algarvias mais típicas e, por isso, mais dignas de serem visitadas: — Olhão, Loulé, Alcantarilha, Moncarapacho e, como curiosidades arqueológicas, Silves e Milreu. Muitas outras existem, já se vê, que não desmerecem a atenção do viajante; mas uma estava ainda, ao tempo em que a citada e magnífica obra foi composta, por descobrir e valorizar, no ponto de vista turístico: a curiosíssima aldeia de Alte, que esteve por um triz para ganhar o concurso da «Aldeia mais portuguesa de Portugal», e que é hoje um dos mais vivos — embora dos menos conhecidos — cartazes do Algarve. Assim, quando há anos se dizia: — «Se vai ao Algarve, não deixe de visitar Olhão, a terra *cubista* por excelência, que se diria inventada por Picasso na sua primeira fase inovadora; e vá também apreciar as açoteias e as chaminés de Loulé, que são das mais bonitas que se encontram em tôda a província; e gaste algumas horas a desfrutar as graças plásticas das aldeias de Moncarapacho e Alcantarilha...» sabe-se, agora, que êsse conselho era incompleto, devendo-se acrescentar que se impõe, para se fazer uma idéia mais ampla e mais justa do pitoresco algarvio, um passeio pelas ruas de Alte, numa noite de luar.

Mas tôda a província, que em poucos dias pode ser percorrida e admirada nos seus aspectos dominantes, nos seus elementos mais característicos, é uma zona turística de inesgotável interêsse. E não só no Inverno, como se convencionou dizer-se, embora seja essa, de

Monchique: Vista parcial da vila e um trecho das Caldas de Monchique

facto, uma das estações mais propícias à revelação dos seus encantos, entre os quais avultam a brandura do clima e a maravilhosa floração das aromáticas amendoeiras. A verdade é que é sempre um deslumbramento, nessa como nas outras estações, a contemplação das praias e dos campos algarvios, tanto nas serras, como nas zonas mais próximas do litoral.

«O que desde logo impressiona o viajante ao entrar nas planícies luminosas do Algarve — lê-se, ainda, na obra citada — é o pequeno porte do arvoredo, quási cosido à terra; figueiras, alfarrobeiras, oliveiras e amendoeiras, que de Lagos a Vila-Real formam extensos bosquedos e pomares. É uma paìsagem que seduz pelo imprevisto e o pitoresco, mas a que falta grandeza e verdadeiro *élan*. O terreno é,

Olhão não atraíu sòmente os fotógrafos. Também os pintores foram sensíveis ao seu estranho pitoresco—como se prova com o belo quadro a óleo de Eduardo Viana que juntamente reproduzimos.—Fotos de Mário Novaes

EDUARDO VIANA: POUSADA DE CIGANOS (ÓLEO)

À «neve» das amendoeiras em flor, corresponde, no Verão, a brancura impecável das salinas que ornamentam alguns trechos da luminosa costa do Barlavento

FOTOS CORREIA

A Cruz de Portugal — em Silves — e uma carrinha algarvia

porém, todo cheio de culturas: vinhedos, hortas, searas, vergéis, onde amadurece a melhor laranja, a melhor romã e a melhor uva do país — tudo arroteado com esmero, tudo tratado como um jardim, a que a palmeira anã ou das vassouras, a palmeira da igreja, o esparto, o amendoim, a batata doce, a própria bananeira dão aspectos africanos».

A flora algarvia é riquíssima, de surpreendente variedade. Junto do litoral, predominam os pinheiros mansos, baixos e de espessas copas; nas serranias abundam os sobreiros, os azinheiros e os medronheiros, encontrando-se ainda noutras zonas — principalmente nas terras de Monchique — carvalhos e castanheiros. Ninguém ignora que a figueira é uma das mais típicas espécies botânicas da província, mas poucos sabem que a paisagem algarvia é valorizada por outro atractivo singular: a adelfeira (ou loendro), pequeno arbusto de flores cantantes e de macia folhagem que prefere adornar as mar-
gens bucólicas dos ri beiros.

Quem nunca leu a obra dêsse grande ar-
tista da prosa que foi Teixeira-Gomes, não
sabe o que é descrever amorosamente, em lín-
gua portuguesa, os en cantos da terra onde se
nasceu. Pois quem de seje conhecer bem o
Algarve, não tem mais do que entregar-se ao
gôsto inefável de ler as páginas dos seus livros.
Depois (porque só ler não basta) é preciso
procurar na realidade a confirmação dos des-

Fotos de Manfredo

As amendoeiras em flor são a mais atraente
e gritante legenda turística do Algarve

critivos — é preciso lá ir, percorrer demoradamente os trechos mais recomendados e, principalmente, êsses troços do litoral cuja dourada e finíssima areia — na opinião do Escritor — deixa a perder de vista as decantadas praias gregas.

Diga-se, embora, que o Algarve «é uma das mais admiráveis estações de inverno de tôda a Europa, muito superior, pela amenidade da temperatura hibernal, à Côte d'Azur e à Riviera di Ponente» — como se lê nos *guias* que não mentem; mas nem por isso deixe de lá ir quem deseje e possa, noutra qualquer estação do ano, gozar as delícias da beira-mar, *com todos* (passe a expressão tauromáquica...) *os matadores*, isto é: quem faça gôsto em contemplar os mais variados aspectos paìsagísticos de um litoral fàcilmente acessível, com um mar a valer e, ao mesmo tempo, urbanamente sociável. Aí terá, principalmente entre Sagres e Albufeira, tudo quanto pode ambicionar uma alma sedenta de belezas marítimas: rochas abruptas, leixões decorativos, panoramas grandiosos, furnas misteriosas, areais amplíssimos, recantos abrigados da ventania, águas revôltas e calmas, poentes extasiantes e, até, como remate apoteótico, uma luz sem comparação possível, essa «luz animal que estremece e vibra como as asas de uma cigarra», no poético dizer do mestre Raúl Brandão.

Depois, a vida marítima: os usos e artes da intensa faina da pesca, sobretudo a do atum, nesse famoso *copejo* que Fialho de Almeida classificou de «verdadeira tourada marinha» e cujo empolgante descritivo constitue algumas das mais belas páginas do autor dos «Pescadores».

(Continua na página 1)

AMÉRICO NOGUEIRA

Outros aspectos característicos da incomparável «Costa de Ouro» nas praias de Lagos e do Pinheiro

Tipos populares da pitoresca aldeia d'Alte, dançando e tocando o «corridinho». — Fotos de João Martins

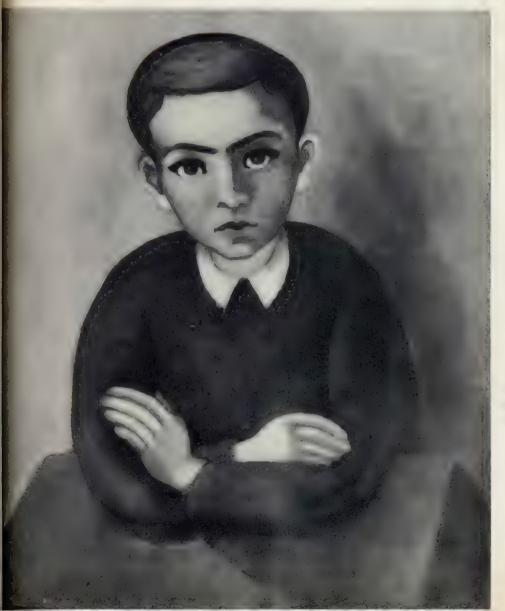
A IX EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA NO ESTÚDIO DO S. N. I.

Júlio Santos — autor do óleo aqui reproduzido — obteve o «Prémio Columbano» de 1944.

HÁ nove anos, abriu pela primeira vez o Secretariado da Propaganda Nacional as portas do seu «estúdio», para apresentar os trabalhos dos mais representativos artistas modernos a um público ainda desconfiado do valor, se não da própria razão de ser da corrente estética dominante do nosso tempo. O empreendimento, como tudo o que implica audaciosa reacção contra a rotina, foi mal recebido em certos sectores da opinião pública; a crítica oficiosa e deficientemente elucidada continuou a lançar sôbre as obras expostas essa adjectivação irónica e depreciativa que vai da generalizada classificação de «arte futurista» — idiota mas inconseqüente — até à de «estética revolucionária» — que já implica, pelo menos nas entrelinhas, uma insinuação de índole especulativa, tendente a alarmar os espíritos incautos. O certo, porém, é que o público manifesta por vezes a posse de uma personalidade refractária às críticas destrutivas, sentindo e pensando por si, de modo a reconhecer como autênticos os valores tendenciosamente negados. Foi o que mais uma vez aconteceu com estas exposições anuais, que acabaram por impôr-se ao gôsto de um escol que sucessivamente se amplia, enchendo por completo a sala onde se reünem as produções dos nossos artistas modernos. Não cabe, no reduzido espaço de que dispomos, uma apreciação, ainda que sintética, dos numerosos trabalhos de pintura e escultura que foram apresentados êste ano. Limitamo-nos, por isso, a fazer

especial referência aos artistas que obtiveram os três prémios habituais: o de «Columbano», o de «Sousa Cardoso» e o de «Manuel Pereira», e que são, respectivamente: o pintor Júlio Santos, a pintora Sarah Afonso e o escultor Canto da Maia — três nomes bem familiares a quem tem acompanhado a evolução das artes plásticas nacionais.

Júlio Santos é um pintor de temperamento equilibrado, a quem interessa mais a paisagem do que a figura e que se coloca perante os temas concretos numa atitude de calma receptividade. A sua sensibilidade não vibra agressivamente, impulsionada por essa inquietação, essa ânsia de descoberta que leva a penetrante visão dos mais significativos pintores do nosso tempo a decompor a realidade dos objectos ou a sintetisar o complexo de emoções e idéias que os mesmos lhes provocam. Côres e formas, composições e volumes, têem para Júlio Santos a mesma evidência harmónica com que se apresentam à visualidade normal dos contemplativos. O valor e interêsse da sua arte reside, fundamentalmente, num apurado sentido de selecção dêsses mesmos elementos, e na técnica escorreita, por vezes já «sábia», com que os interpreta.

A arte de Sarah Afonso parte de outro ponto de vista, de outra concepção da realidade e da pintura — que joga, nela, com outros recursos. Interessa-lhe mais o espírito do que a forma, mais o-por-dentro das coisas do que a sua amável ou perturbante aparência. Assim, na sua estrutural tendência para expressar o «lado português» do seu temperamento, vai por vezes bem longe no poder de síntese que os seus trabalhos revelam, conseguindo cristalizar na graça das composições, na frescura luminosa das côres e na simplicidade do desenho alguns dos caracteres essenciais da nossa paisagem, do nosso povo e do nosso lirismo.

O quadro de Sarah Affonso, que alcançou o «Prémio Sousa Cardoso», de 1944

O prémio de escultura foi atribuido a Canto da Maia

Canto da Maia é um escultor que fêz o seu nome lá fora: um nome que aparece freqüentemente a par dos maiores, quando a atenção dos críticos se fixa na significação e importância da escultura do nosso tempo. Tudo quanto sai das suas mãos não precisa de ser assinado, para que rápida e seguramente se identifique; há sempre, nas suas obras, essa conta certa de sobriedade técnica, de impulso criticamente refreado, de nobre e peculiar elegância, que caracterizam um «estilo plástico» inconfundível e admirável.

FERNÃO DE LISBOA

A SERRA DA ESTRÊLA
ATRAENTE ESTÂNCIA DE INVERNO

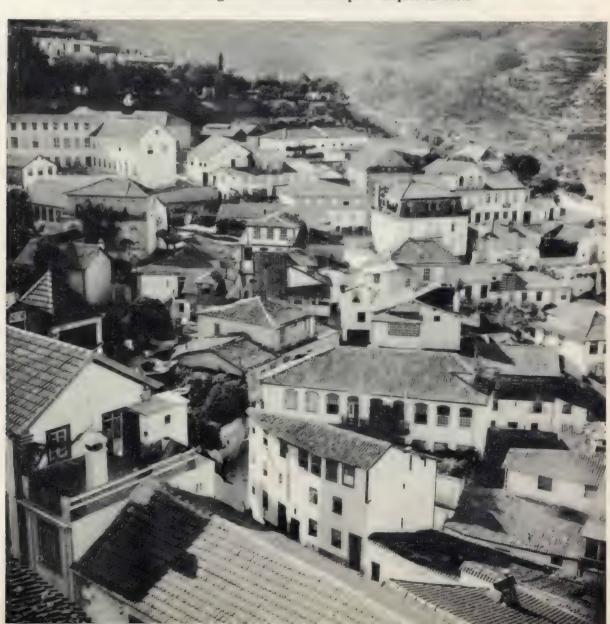
Antigamente, ir à Serra da Estrêla era uma aventura perigosa... Pensava-se nela como no Himalaia ou, pelo menos, nas ásperas e inhóspitas cumeadas dos Pireneus. Agora, a Serra da Estrêla é tão acessível à nossa contemplação, que só é para espantar que não seja mais freqüentemente visitada. Principalmente nestes mezes em que a neve das grandes altitudes atrai as almas sedentes de paisagens amplas e de ambientes repousantes, como, na época estíval, os trechos da beira-mar.

Característicos aspectos das Penhas de Saúde e de Unhais da Serra — Foto de A. Patrício

É certo que a Estrêla não tem progredido extraordinariamente, no posto de vista turístico — se atendermos às extraordinárias condições que para tanto possue, mas também deve dizer-se, para sermos justos, que não tem sido à míngua de boas vontades, visto ser esta uma das regiões em que o sentimento bairrista (um dos mais poderosos factores do progresso nacional) mais vivamente palpita. Só assim se compreende que tenha sido pcssível, durante estes anos tão árduos e de capacidade económica forçosamente restrita, realizarem-se os notáveis melhoramentos que já tornam convidativas as vilegiaturas de inverno, e praticáveis, em boas condições, os desportos da neve.

A Comissão de Iniciativa e Turismo da Covilhã, com a activa contribuição do «Ski Club de Portugal» e de outros operosos elementos locais, fizeram da Serra da Estrêla, outrora quási deserta nesta fase do ano, uma atraente e já animada zona turística, a que não falta um hotel confortável — o das Penhas da Saúde — abrigos bem distribuidos e assistência técnicas aos amadores de «ski», os quais são, desde há tempo, cada vez mais numerosos

Uma bela imagem da Covilhã fixada por Marques da Costa

A Serra da Estrêla é assim: — um caleidoscópio de imagens deslumbrantes a que o predomínio da brancura dá, nestes meses de inverno, uma deliciosa sensação de calma e de alegria interior

Nos interiores de casas de campo e de praia têm justo cabimento os móveis e objectos decorativos fabricados com madeiras leves e cortiça, como são estes que Hugo Manuel desenhou

OS MATERIAIS PORTUGUESES NA DECORAÇÃO DE INTERIORES

ENTRE os que negam a capacidade dos portugueses para o aproveitamento industrial das riquezas naturais, dizendo que «está tudo por fazer», e os que afirmam o esgotamento das nossas possibilidades, dizendo que «está tudo feito», talvez haja lugar para fazer-se ouvir a voz do bom senso, declarando que «nem tanto, nem tão pouco...».

Aqui temos um caso concreto, para o qual vale a pena chamar as atenções dos nossos industriais de marcenaria, e dos artistas decoradores: — O muito que há ainda a fazer-se, na esfera dessas actividades, com matérias primas e produtos nacionais que têm sido, até agora, deficientemente aproveitados.

A cortiça, por exemplo: ¡Que partido pode tirar-se dêsse económico e simpático material no fabrico de objectos utilitários ou, simplesmente, ornamentais, nos interiores das casas! E,

quem diz a cortiça, diz algumas das numerosas madeiras geradas no nosso solo, que têm sido injustamente preteridas por outras mais dispendiosas, na fabricação de soalhos, de travejamentos, de portas, de mobílias, etc.

As fotografias que ilustram estas páginas, reproduzem vários móveis e alguns objectos decorativos recentemente apresentados pela Sr.ª D. Margarida Pinheiro numa Exposição realizada no Estúdio do Secretariado da Informação e Cultura Popular, que demonstram, como por A mais B, que nem tudo, neste capítulo, está feito — nem tudo por fazer.

Os desenhos dos referidos móveis e objectos de ornamentação são da autoria de Hugo Manuel — que também pôs em prática a sua idéia de uma adaptação de gravuras, mapas e motivos plásticos do nosso folclore, a biombos, «bars» e outras peças de mobiliário.

Outro recanto da exposição em que predominam materiais de construção e motivos ornamentais portugueses

PINTURAS MURAIS NUM SOLAR EM BORBA

Além do hábito antigo de cobrir paredes interiores dos nossos edifícios monumentais com preciosos panos de ráz, ricos tapetes e tapeçarias do Oriente, da França e da Flandres, não consta que entre nós se tenha empregado freqüentemente no Século XVIII outro género de pintura que não fôsse directamente aplicada sôbre os muros a fresco e a têmpera.

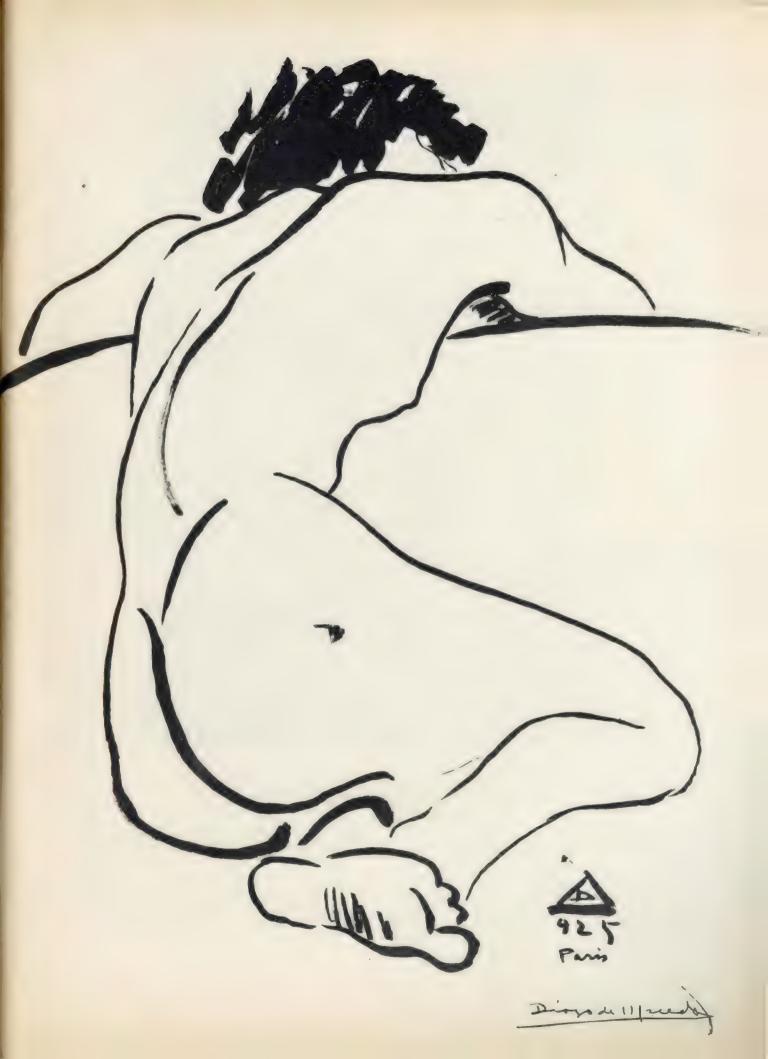
Constituem, por isso, uma excepção, com as decorações murais do histórico palácio dos Mellos em Vila Franca, onde residiu o rei D. João VI no ano de 1823 por ocasião do célebre movimento absolutista da Vilafrancada, os painéis que revestem as paredes de algumas salas de um velho palácio solarengo de Borba, que pertenceu à família Nunes Ramos.

Conhecendo apenas as pinturas através de magnifícas fotografias de Mário Novaes – das quais reproduzimos três, juntamente com estas linhas – não podemos descrever em pormenor nem tentar, sequer, classificar êsses curiosos painéis, cujo valor decorativo o leitor apreciará pelas referidas gravuras.

(Continua na página III)

Numa das paredes do salão da casa solarenga de Borba vê-se esta curiosa composição, representando uma fase da faina da vindima. — A gravura que publicamos, extra-texto, na página seguinte, é uma animada cena interior que ornamenta a parede principal da mesma sala. — Fotos de Mário Novaes

FOTO DE MÁRIO NOVAES

925
Paris

1.º PRÉMIO: ATRIBUÍDO AO CARTAZ SÔBRE ELVAS, DA AUTORIA DE JORGE MATOS CHAVES

CONCURSO DO CARTAZ DE TURISMO

«Propaganda» e «cartaz» são têrmos cujos significados se confundem, por vezes, como se fôssem sinónimos. Não admira que assim seja, sabendo-se que o cartaz é um dos mais directos meios de expressão da propaganda, tanto de produtos especiais da indústria e de espectáculos artísticos, como de localidades que

2.º PRÉMIO: O CARTAZ «NAZARÉ», DA AUTORIA DE CARLOS RIBEIRO

pretendam atraír as atenções dos forasteiros para os seus valores naturais (clima, paisagem, águas minerais, etc.), a graça dos seus costumes típicos, a riqueza e o interêsse das suas obras de arte.

Deve reconhecer-se, porém, que o turismo nacional não tem sabido tirar dêste excelente elemento de propaganda o partido que seria para desejar, atendendo á eficácia do mesmo, bem manifesta nos vistosos e elucidativos cartazes estrangeiros que chegam até nós, especialmente da Suiça, da Itália e da Alemanha: Contemplar alguns dos que se exibem nas montras e átrios das agências de viagens ou de propaganda turística, dá ganas de partir imediatamente, a caminho daquelas belezas tão inteligentemente rèclamadas!...

Entre nós, os cartazes que se expõem com essa finalidade, são raros e, quási sempre, muito maus: mal concebidos, mal desenhados, mal coloridos, mal impressos... numa palavra: mal apresentados. E isto não tem desculpa, tratando-se de um país riquíssimo de aspectos pitorescos e de valores plásticos que a cada passo revelam, noutras manifestações de artes gráficas, talentos e aptidões indiscutíveis.

Foi com o objectivo de pôr termo a esta deficiência, que os Serviços de Turismo do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular resolveram abrir, há poucos meses, um «Concurso do Cartaz de Turismo», para o qual se destinaram as seguintes verbas, correspondentes aos três primeiros prémios: 3.000$00, 2.000$00 e 1.000$00 — que foram conquistados, respectivamente, pelos artistas Jorge Matos Chaves, Carlos Ribeiro e Emérico Nunes.

Outro prémio, na importância de 2.000$00, destinado a um cartaz sôbre Pousadas, foi dividido ao meio e atribuído aos seguintes trabalhos: «Óbidos», de Carlos Ribeiro e Abílio Matos e Silva, e «Lis», da autoria de Celestino da Costa Teixeira.

FOTOS DE HORACIO NOVAIS

O CARTAZ «OBIDOS», DE EMERICO NUNES, QUE CONQUISTOU O 3.º PREMIO

ESTAMPAS SÔBRE PORTUGAL

O Museu Nacional de Arte Antiga, às Janelas Verdes, incluiu no seu vasto plano de remodelação, inteligentemente adequado às importantes obras efectuadas no edifício, a realização de exposições periódicas que tornam mais viva e atraente — portanto mais eficaz — a função cultural dêsse organismo.

Inclui-se nessa série a Exposição de estampas antigas sôbre Portugal, por artistas estrangeiros dos séculos XVI a XIX — Gravura e Litografia, *que há poucos meses teve lugar numa das suas magníficas salas, encantando numerosos visitantes pela beleza e valor documental das espécies apresentadas, duas das quais reproduzimos nestas páginas.*

Esta curiosa gravura do século XVIII fêz parte da interessante «Exposição de estampas antigas sôbre Portugal, por artistas estrangeiros dos séculos XVI a XIX», realizada no Museu das Janelas Verdes. — A composição interpreta a dança portuguesa «Outavado», e é uma água-forte de A. Quillard, datada de 1745.

A magnífica situação do Sanatório permite considerá-lo uma das melhores estâncias de cura e repouso do País.

A SERRA DA ESTRÊLA E AS MODERNAS INSTALAÇÕES SANATORIAIS

O grande movimento de renovação e de ressurgimento que ùltimamente tem valorizado o muito que estava esquecido e inaproveitado em todo o país, já tinha dado à Serra da Estrêla no crescente apetrechamento do seu valor turístico como centro de desportos de inverno, uma categoria que a aproxima cada vez mais dos centros de turismo congéneres do estrangeiro.
Mas as suas excepcionais condições de clima e de altitude, constituíam também um grande valor a aproveitar como estação de repouso e de tratamento de que não se devia por mais tempo deixar de colher os óptimos resultados.
Foi essa falta que os esforços do ilustre homem de ciência que é o Dr. Lopo de Carvalho, agora vem preencher, com a instalação do novo Sanatório das Penhas da Saúde, inaugurado em Novembro do ano findo, a uma altitude de 1.250 metros e com tôdas as modernas condições de higiene e de confôrto requeridas por estabelecimentos dêste género.
Os cuidados postos na construção e instalação dêste sanatório merecem por isso ser postos em relêvo como grande exemplo a seguir.
Com alojamentos para 140 doentes, tem apesar da sua grande capacidade, todos os quartos voltados ao Sul; possui um sistema modelar de aquecimento e de desinfecção de roupas, de louças, etc., pelos mais modernos e rigorosos processos, incineradores para lixos e restos de comidas, gabinete dentário completo, laboratórios de análises e serviços de raios x, salas de operações e de tratamentos, quatro ascensores e seis ou sete monta-cargas, cozinha a vapor e confortáveis instalações e óptimo mobiliário de que as gravuras que reproduzimos revelam o cuidado e o bom gôsto que os escolheu e a tudo presidiu.
A enfermagem impecável é feita por Franciscanas de N. S.ª do Bom Conselho, religiosas da

mesma ordem que presta iguais serviços em grande parte dos sanatórios do país visinho.
A direcção espiritual do Sanatório, que tem capela própria, está a cargo do Rev.° Capelão irlandês Padre Gardner.
A assistência clínica é exercida por três médicos: o Dr. José Cabral, na secção pulmonar, o Dr. Lopo de Carvalho Cancela, na secção osteo-articular e a Dr.ª Aurora Sanches, nos serviços de Raios X e de análises.
A situação privilegiada de clima e de altitude escolhida para esta construção, com o conjunto de cuidados que presidiu a tôdas as instalações e à sua organização, direcção e funcionamento, tornam estância de repouso e cura uma das melhores do País, merecedora portanto do relêvo que lhe é dado nestas páginas.
O grande valor turístico que a Serra da Estrêla já tinha sob vários aspectos foi assim completado e engrandecido com êste modelar estabelecimento de assistência clínica de tão grande utilidade nacional.

A. C.

NO pendor da Serra de Grândola, sobranceira à vila de São-Tiago-do-Cacém e fronteira ao seu castelo, foi inaugurada outra Pousada de Turismo — a de S. TIAGO.

A obra das Pousadas de Turismo, iniciada quando das Comemorações Centenárias pelo Ministério das Obras Públicas — que pelos seus Serviços especializados as construiu — e pelo Secretariado Nacional de Informação, que as fêz decorar e apetrechou, veio demonstrar que a indústria nacional do turismo pode ser, entre nós, uma realidade magnífica, como o é já em outros países.

Revelando o típico e o regional, estilizando usos e costumes, individualizando as nossas Pousadas, o Secretariado apenas tem em vista radicar a certeza de que são inúmeros os motivos que podem atrair o turista, afastando-o da monotonia de certos hotéis de tipo único.

Conjugando o traçado arquitectónico português com decoração e arranjos interiores cómodos e de sabor regional, afirma-se uma personalidade, evidencia-se o folclore, definem-se estilos, tudo cativante ao espírito de quem viaja, desde que seja harmónico com o sentido do bom gôsto e da comodidade.

A escolha do local, a sua exposição ao Sol e ao ar, o desdobramento das distâncias, a organização de visitas e excursões, o ambiente civilizado destas novas Pousadas, são permanentes solicitações a quem aprecia um quadro paìsagistico, um monumento histórico, a garridice das colheitas minhotas ou das ceifas alentejanas.

A Pousada de SÃO TIAGO, dominando um amplo e belo trecho de paìsagem, a 140 quilómetros de Lisboa, na estrada para o Algarve, está instalada num gracioso edifício cujo projecto foi traçado pelo arquitecto Jacobetty Rosa. A decoração e arranjo interiores foram realizados por Vera Leroi e Anne Marie Jauss, sôbre motivos de inspiração regional.

À VOLTA DA NOVA POUSADA DE S. TIAGO EM S. TIAGO-DO-CACÉM

S. TIAGO-DO-CACÉM

POUSADA:

Alojamentos: Dispõe de quartos com 2 camas cada, e 1 quarto com cama de casal e casa de banho privativa.

Local: Junto à estrada Nacional, na descida para S. Tiago-do-Cacém.

Distâncias: A 18 quilómetros de Sines e 140 de Lisboa.

Transportes: Caminho de Ferro: Linha do sul e sueste. Ramal de Sines. Trasbordo nas Ermidas. Estação de São-Tiago-do-Cacém. *Caminhetas:* Emprêsa Palmelense. Saídas de Cacilhas. Tel. Almada 99.

VILA E ARREDORES:

S. Tiago-do-Cacém: Castelo reforçado por numerosas tôrres. Igreja da Misericórdia. Igreja Matriz.

Grândola: A 25 qms. Capela de N.ª S.ª da Penha.

Sines: Casa onde nasceu Vasco da Gama, Castelo e Igreja de N.ª S.ª das Salvas.

PRAIAS:

Sines e *Vila-Nova-de-Milfontes.*

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS

S. Tiago-do-Cacém: Feira anual a 8, 9, e 10 de Setembro na vila. — 25 de Abril em Alvalade. — 14 e 15 de Junho em Alvalade. —29 e 30 de Junho no Cercal.— Penúltimo Domingo de Agôsto em S. Domingos. — 4 e 5 de Setembro em S. Francisco-da-Serra. — 14 e 15 de Julho em Abela. — 3, 4 e 5 de Outubro em Abela. — 30 de Novembro em Santo André. — 1 de Dezembro em St.° André. Mercado anual (gado suíno) a 15 de Janeiro em Abela. — Mensal no 4.° Domingo de cada mês na vila. — 1.° Domingo de cada mês no Cercal. — 3.° Domingo de cada mês em Sonega-Cercal.

Ermidas: A 24 qms. da Pousada. Feira anual nos dias 2 e 3 de Setembro.

Sines: A 18 quilómetros da Pousada. Feira anual no dia 15 de Agôsto nos subúrbios da vila.

Aldeia de Melides: A 30 qms. da Pousada. Mercado a 26 e 27 de Setembro.

PESCA

Defeso: De 1 de Novembro a 15 de Fevereiro.

Licença: É preciso licença pessoal para pescar.

Pesca Fluvial: Fraco interêsse desportivo.

Pesca marítima: Uma das melhores zonas para pesca desportiva, com base de operações em Sines.

1.° *pesca do Robalo:* À negaça («spining») em tôda a costa, especialmente nas ilhotas da vizinhança, durante todo ano.

2.° *pesca do Sargo:* (abundantíssima) durante todo o ano.

3.° *pesca do Bonito, Atoarro, Peixe Espada, Robalo:* Ao corrisco («troling») durante a primavera.

4.° *pesca da Cavala:* Ao corrisco nos meses de verão.

5.° *possibilidades de pesca grossa:* («Big-game fishing») ao espadarte e a várias espécies de tubarões, no verão, a distâncias a partir de 5 milhas da costa.

CAÇA

S. Tiago-do-Cacém, Ermidas, Sines e Grândola: são boa região de caça. Rôlas e tôda a caça não indígena, podem caçar-se desde 15 de Julho ou 1 de Agôsto — conforme fôr estabelecido pelas comissões concelhias, mas só à espera e sem auxílio de cão.

Em *Sines*, no litoral, pode caçar-se pombos bravos da rocha, desde 15 de Julho, mas só pelo mar e de barco.

A caça às espécies indígenas — perdiz, lebre, coelho — que abunda, abetardas e sisões, começa em 15 de Setembro e termina em 15 de Janeiro.

Depois desta data e até 15 de Fevereiro podem caçar-se as espécies de arribação, e até 15 de Março aos pombos bravos, à espera, com ou sem negaça, mas sem o auxílio de cão, recomendando-se principalmente a lagoa de Santo André, considerada o «ninho» de tôda a caça de arribação do Sul.

NOTAS SÔBRE O ALGARVE

A província algarvia, tomando tôda a largura do extremo sul do país, está como que lançada em degraus até à beira-mar, descendo de uma depressão montanhosa que a separa da planície alentejana. Tem, no sentido Norte-Sul, socalcos de tal forma dispostos que nêles se demarcam fàcilmente faixas perfeitamente distintas — a *Serra*, o *Barrocal* e o *Litoral* — cada uma com o seu ambiente próprio, isto é, há entre elas uma nítida diferenciação quanto à natureza geológica do solo e as características particulares de trabalho, quanto ao modo de vida e de ser dos habitantes que lhes correspondem e que são, na expressão provincial, os *serrenhos*, os *montanheiros* e os *marítimos*.

Na direcção de Oeste para Este a província está dividida, convencionalmente, em três zonas designadas por *barlavento*, *centro* e *sotavento*.

O Algarve, pode dizer-se, começa onde a monotonia da planície se quebra com o aparecimento dos primeiros relevos. A paìsagem movimenta-se e alegra-se e a gente mostra-se mais mexida e disposta ao convívio.

Aqui, o homem já não se diz do Alentejo, muito embora continue vivendo, como os daquela província, da cultura do trigo em regime latifundiário, dos *montados* de sôbro e azinho e da criação de gado suíno. O modo de vida não difere, a natureza do solo é ainda a mesma, mas afirma-se já bem a distinção entre o *charnequenho* e o *serrenho*, certamente provocada pelo que há de diferente entre o *habitat* da planície e o da montanha.

Mas só depois de transposta a serra — não interessam neste caso os limites administrativos das duas províncias — se entra no Algarve pròpriamente dito, onde se vai encontrar uma «região natural», bem definida pela unidade física que resulta do conjunto formado pela constituïção geológica dos terrenos, seu relêvo e clima. *Serra* e *Algarve* são, para os naturais, regiões diferentes que nada têem uma com a outra.

Na verdade, aqui o quadro geológico é outro e com êle mudou-se o cenário geográfico. À serra de terrenos do *primário* — o maciço antigo — seguem-se as faixas de terrenos do *secundário* e do *terciário*, dispostas de Este para Oeste.

Assim, à medida que se desce a montanha, vai-se deixando o Algarve interior e, a pouco e pouco, modifica-se o aspecto em redor; vê-se agora outra vegetação, esta mais profusa, mais viva e de maior riqueza de tons. Sudeceu à serra uma estreita zona de altitude menor e relêvo mais suave, que se estende de Castro Marim por S. Brás, Messines e Silves até ao Cabo de S. Vicente — é o *barrocal*.

Atenda-se finalmente à costa voltada ao Sul e relacione-se o seu aspecto com a formação geológica do solo. Onde o mar contacta com o *secundário*, alteia-se; onde se encontra com as formações *terciárias*, abaixa-se. A orla marítima começando, alcantilada, bastante fendida e recortada pelo bater constante das vagas — o Cabo de S. Vicente e as penedias da Praia da Rocha são exemplos — apresenta-se depois, no Centro e Sotavento, baixa e arenosa e separado do alto mar por ilhas de aluvião — as Ilhas de St.ª Maria. Deve-se esta configuração à erosão do mar que destrói as ribas da costa elevada a Oeste, indo os materiais provenientes da sua desagregação, conduzidos pelas correntes, depositar-se numa extensa zona de restingas arenosas que se prolonga desde o pôrto de pesca da Quarteira, por Faro e Olhão, até Cacela, num percurso aproximadamente de 50 quilómetros. Formam-na ilhéus de aluviões, baixos e alongados, que no conjunto constituem um cordão de areia cortado por braços de mar e contornando a linha da costa, originando compridos esteiros, pouco profundos, mas quási sempre navegáveis, que algumas *barras* põem em contacto com o mar. Destas, só a Barra Nova, que serve os portos de Faro e Olhão, dá acesso a navios de maior calado.

Mas o que verdadeiramente individualiza esta região é o relêvo do solo, disposto em anfiteatro às influências africanas, factor importante para a sua definição climática e fitogeográfica. O impedimento pôsto à invasão dos ventos frios do norte, pelas serranias que a separam do Alentejo, a influência abrasadora dos *suões* africanos a que está exposta, temperada mais ou menos pelo mar interior e intermediário, os ventos e a brisa do largo do Atlântico são as determinantes que regem a clima e a vegetação e que condicionam o tom geral da sua vida e ambiente.

Procurando situar a região algarvia por excelência, aquela onde se faz sentir o legítimo clima mediterrâneo, encontramo-la onde a exposição é mais voltada ao Sul, limitada quási num arco de círculo pelas ramificações das serras de Monchique e do Caldeirão, abrigando-a do norte e do poente. Na estreita cunha que fica entre as serras de Monchique e do Espinhaço de Cão e o mar, por que tem exposição a Oeste, o clima, é de feição um pouco atlântica. A parte que da serra do Caldeirão vai até ao Guadiana, exposta directamente ao vento de Leste tem maior desvio térmico, clima um pouco continental e culturas mais precoces.

Durante o inverno, especialmente no Barlavento e Centro onde a isotérmica de 12 graus abranje uma vasta área, revelando acentuadamente o clima mediterrâneo, a temperatura mostra-se bem em contraste com a do resto do país — ali a neve invernal é a brancura das amendoeiras em flor. O verão, bastante longo, quente e sêco, — particularmente no Sotavento, — é bem um toque das características climáticas africanas, bem manifestadas no desenvolvimento das culturas e na vegetação de determinadas espécies de flora.

Os árabes e os berberes, atravessando o estreito para conquistar a península, encontraram-se quási que em sua casa. Era a paisagem um pouco árida, o céu azul, e ainda a mesma flora que haviam deixado. Estavam familiarizados com todos os produtos e sabiam-lhes os nomes na sua língua, dos quais muitos ficariam depois a perdurar.

Da flora algarvia, merecem aqui referência as espécies que têem importância geográfica, as que imprimem um cunho à paisagem e determinam a região, nomeadamente as espécies mauritânicas que têem em Portugal o seu limite setentrional.

Necessàriamente, ficando o sul do país no extremo ocidental desta região climática, é bem natural que as influências já sejam frouxas, pois que se sabe serem os caracteres de tôdas as regiões — climáticas, botânicas ou outras — atenuadas nas extremidades.

Assim, distinguimos a *palmeira anã, ou das vassouras, a alfarrobeira, a amendoeira e a figueira.* As duas primeiras são as espécies que melhor representam os exemplares de uma flora tropical, e tanto podem marcar *tipos de vegetação* como *tipos de clima* (a distribuïção da alfarrobeira define a «região natural» algarvia), a amendoeira é uma árvore adaptada às regiões sêcas e encontra-se também nas *terras quentes* do Douro. A figueira tem aqui aspecto muito diferente da do Norte, por lhe deixarem crescer os ramos até ao chão.

Os recursos que proporcionam a *nora mourisca* e a profusão de fecundas várzeas em tôda a zona litoral mantêem uma larga cultura de cereais, hortas e pomares. Encontram-se ainda, mas afastadas da costa, a oliveira, o sobreiro e a azinheira.

Caso àparte é a Serra de Monchique onde a constituïção geológica do solo (granito e rochas granitoides aflorando isoladas no meio do *primário),* a altitude, latitude e disposição do relêvo, conjugando-se, permitem que se associem variedades de vegetação e vida que, no resto do país, só separadamente e em pontos muito diversos se podem observar.

A comercialização dos produtos da flora é uma das actividades a que a população algarvia se dedica bastante. Os objectos de «empreita», cuja matéria prima é a palmeira que fornece, e os doces de figos e de amêndoas, são artigos e especialidades de carácter regional, fabricados e preparados ainda sob a forma de artesanato. As conservas de frutas, também afamadas, são produzidas em regime fabril e por isso com outro interêsse económico. As indústrias da cortiça e de moagens têem também no Algarve importante desenvolvimento, empregando elevado número de operários.

Mas é no mar que está a maior riqueza da província. A sardinha, procurando na costa portuguesa onde a água é mais quente, e o atum, passando ao longo do Algarve nos seus movimentos migratórios, fugindo das águas frias e de menor salinidade, para ir fazer a postura no Mediterrâneo e regressando, são espécies da fauna marítima mais abundantes, cuja pesca, porque alimenta a grande indústria de conservas de peixe, se exerce em elevadas proporções. A pesca do atum — copejo — bastante movimentada, exigindo muita destreza e vigor, por isso chamada de *tourada do mar,* constitui um espectáculo emocionante.

Preste-se agora atenção à casa algarvia e veja-se nela a marca das características regionais que se vieram apontado.

Logo de início as habitações denunciam, pelas formas que apresentam, uma concordância com as condições físicas da província, e a influência do domínio árabe que ali se manteve até muito tarde, isto é, o seu aspecto deve-se à natureza dos materiais, ao clima e às reminiscências berberes que se manifestam mais visìvelmente no cunho dos elementos decorativos.

Porque o solo não oferece material que se possa utilizar directamente, tem o homem de organizá-lo sob as formas de *tijolo, adobe* ou *argamassa.* Assim, enquanto nas regiões graníticas do norte a casa se apresenta sempre de construção maciça, pesada, feita de grandes blocos e escura, no Algarve tem um aspecto mais comunicativo pela leveza do conjunto, proveniente do emprêgo de um *material brando,* de fácil domínio, o que dá a possibilidade de trabalhar vários motivos ornamentais.

Porque predomina o calcáreo, é branca, e a insistência na caiação está em ser uma medida de defesa do calor, mas no arenito triássico (a zona de contacto do secundário com o primário) a pedra ruiva ou boroeira dá à construção o tom avermelhado, como mostra o curioso conjunto da Sé e do Castelo de Silves.

Procure-se agora a adaptação da casa ao clima. A luz, por ter aqui forte intensidade, dispensa a abertura da clarabóia e até se combate, reduzindo o tamanho das janelas que algumas vezes ainda são defendidas por gelosias; a falta de chuva não obriga ao telhado de grande inclinação, e até deu origem ao terraço, que geralmente tem ligação a cisternas para aproveitamento das águas, servindo também muitas vezes para secar o peixe ou o figo.

Observando-a no todo, repara-se logo que ela aqui ergue-se de modo diferente. Enquanto nas regiões de fraca claridade está situada nas vertentes soalheiras e partes mais abertas, com as janelas e portas voltadas para o lado da luz, no Algarve, a luminosidade e a insolação obrigam a procurar uma defesa, que se toma dando-lhe uma posição que a esconda, ou adoptando um tipo de construção em que a frente está voltada para um pátio interior, apresentando-se, por qualquer lado do exterior que ela se olhe, como que de costas.

É em Olhão, aglomerado urbano que mais parece um recorte de uma cidade marroquina, que se encontra a expressão mais típica da habitação algarvia. A casa, em forma de cubo, é coberta por um terraço *(açoteia),* circundado por caleiras *(algerozes),* para o qual se sobe por uma escada exterior; tem a caprichosa chaminé colocada a um lado; muitas vezes um mirante como os minaretes das mesquitas; e as janelas de grades *(reixas)* e gelosias pintadas de côres quentes, que contrastam singularmente na brancura da caiação.

Em síntese e muito superficialmente, ficaram anotados alguns dos aspectos particulares que imprimem à província algarvia o seu carácter próprio no conjunto do continente português, tão rico pelos variados ambientes naturais que o formam.

A. SALVADO DOS SANTOS

PORTUGAL

SÍNTESE TURÍSTICA ORDENADA POR REGIÕES

Com êste título, publicou recentemente o Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular uma interessante brochura de propaganda da nossa terra, destinada ao país vizinho. A síntese, com prosa em língua espanhola de Norberto de Araújo e ilustrações de Manuel Lapa, foi

ordenada por regiões, metòdicamente e contém magnificas fotografias de trechos paìsagisticos e monumentos de arte, reproduzidas em rotogravura. No final, o agradável e elucidativo volume insere o mapa de Portugal com a localização dos mais importantes monumentos, que Roberto Araújo compôs e coloriu, e que a nossa revista publicou, extra-texto, no 1.º número. Nestas páginas reproduzimos os desenhos de Manuel Lapa, inspirados nos tipos populares mais característicos das províncias do continente português.

VOUZELA

Por FERREIRA DE ANDRADE

Quem, de Espinho ou de Aveiro, se encaminha de automóvel ou de caminho de ferro à « antiga e nobilíssima » cidade de Vizeu, atravessa uma das regiões mais encantadoras de Portugal. Ramalho, o precursor do turismo, nacional, a quem se devem as páginas mais belas de louvor à terra lusa, confessa-nos que tôda a Beira Alta « disputa a primazia da beleza » a êsse maravilhoso rincão de Além-Douro, o vicejante Minho.

Todo o trajecto que se percorre embevecido, prêso à paisagem surpreendente desde os cambiantes do verde que o agro, em manhã dourada pelo sol, reflete, à diversidade de aspectos cenográficos que as ribas, ora escarpadas ora verdejantes, apresentam — é um quadro que só a natureza nos consegue ofertar.

Tôda a linha férrea do Vale do Vouga é traçada em curvas constantes por entre campos de farta cultura e de vegetação espêssa, o que proporciona ao turista uma visão estranha de deslumbramento.

A viagem – hoje bastante cómoda e atractiva — que fizemos, por uma manhã quente de Setembro, é das que ficam gravadas na retina.

Não esquece jamais.

Depois de abandonarmos Espinho — praia admirável e de grande projecção turística — passadas as curvas de Sampaio — Oleiros e de Paços-Brandão, o extenso pinheiral do Cavaco e de Sanfins, o primeiro espectáculo que se avista é a silhueta do histórico Castelo da Feira, imponente na sua arquitectura de linhas sóbrias, soberbo de um passado glorioso, e que se recosta, lá muito ao longe, por entre as nuvens altas, erguendo para o céu as suas quatro tôrres.

Depois, é S. João-da-Madeira, as chaminés altas das suas fábricas vomitando um fumo denso, o barulho ensurdecedor, natural, de um labor constante, progressivo . . . Passamos Oliveira-de-Azeméis, graciosa região, terra florescente, rica de belezas panorâmicas e de fértil cultura. Agora é Albergaria-a-Velha, antiqüíssima povoação, a seguir Sarnada, entroncamento ferroviário.

E a paisagem, a que os nossos olhos se fixam surpresos, vai-se desenrolando, plena de emotivo encantamento, toucada de graciosos pormenores, de vastas perspectivas, de longínquos panoramas.

Entre Carvoeiro e Paço-de-S. Tiago uma ponte recorta com a sua imponente e majestosa arcaria o largo horizonte — a mancha distante das copas verdejantes dos eucaliptos.

Com o seu resfolegar opresso o comboio vai galgando a custo uma subida áspera, vagarosamente, tìmidamente. .

Dá-nos, por vezes, tal a morosidade do andamento, a impressão nítida de uma paragem forçada.

Debruçamo-nos um pouco Lá em baixo, na curva do vale, a linha prateada do Vouga em tôda a plenitude da sua beleza — aguarela viva de um colorido indescritível.

Numa mutação, quási repentina, de paisagem, deixamos de ver o Vouga. Transpomos as colinas altas, o acidentado do solo obriga o comboio a atravessar viadutos, a cortar a vegetação densa ou a desaparecer uns momentos por túneis abertos na rocha.

Finalmente, passadas Vila-Chã e Oliveira-de-Frades, descortina-se Vouzela, a jóia maravilhosa do Vale do Vouga, ou, na expressão feliz do Dr. João de Castro, « o mais lindo retábulo do formosíssimo altar da Beira. »

Que admirável espectáculo! Que estranha e surpreendente paisagem

Vouzela, a antiga capital do concelho de Lafões, pátria de S. Frei Gil e do « Decepado », entusiasma e encanta o turista. Estância de repouso que é, terra acolhedora, de inúmeros e variados atractivos panorâmicos, de monumentos valiosos, de passeios de sonho, de um lirismo profundo, não conhecemos recanto de Portugal mais propício ao descanso do corpo, ao enlevamento dos olhos, ao deleite e repouso do espírito.

Visite o leitor Vouzela e, depois de ter ascendido à « Senhora do Castelo » ao « Monte Lafão », de, no terraço do « Mira Vouga », ter contemplado a linha recortada das serras do Montemuro e de S. Macário — fundo admirável de cenários sobrepostos — dirá, como nós, orgulhosamente, embevecidamente: — Bemdita seja a terra portuguesa!

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Estradas e... turismo

Uma das virtudes mais belas e características da Paìsagem é — ser discreta. Discreta, nêsse sentido de conservar recatados os seus encantos, de não se expor demasiadamente à curiosidade do homem. Todos conhecemos recantos bucólicos que são particularmente apreciáveis pela sua difícil acessibilidade, e trechos marítimos repletos de magia por se encontrarem distantes dos aglomerados urbanos.

Urbanização não significa — não deve significar — *uniformização;* nem arquitectónica, nem social, nem de costumes e usos. Se tôdas as praias de Portugal desatassem a imitar o Estoril, quem perdia, total e irremediàvelmente, com êsse desafôro, era... o turismo.

Vem isto a propósito de uma carta que um «leitor alarmado» nos escreveu, pedindo-nos para focar, neste Boletim, o assunto a que se refere, chamando para êle as atenções das entidades que têem a seu cargo a defesa da Paìsagem nacional. Eis o que, da melhor boa vontade, passamos a fazer, transcrevendo os passos principais dessa carta:

«Ouvi falar em dois *melhoramentos turísticos*. O primeiro, seria a construção de uma estrada em volta da lagoa de Óbidos; o segundo a construção de uma outra estrada que, passando pelo Portinho da Arrábida, alcance Setúbal, de maneira que ficará a um nível muito mais baixo da outra já existente entre Azeitão e Setúbal. Até que ponto estas construções podem tornar mais atractivos os locais indicados, é difícil de perceber. Assim uma estrada em volta da lagoa transformaria esta numa piscina — o que não é a mesma coisa...»

«No Portinho da Arrábida se a estrada passar junto (ou quási) à praia, um dos aspectos que dá verdadeiro encanto a êsse local desaparece: a montanha que se eleva imediata acima da praia.»

«Ora eu suponho que importa manter e respeitar a beleza natural dêstes e doutros lugares. Portugal não é país tão grande que possua várias lagoas de Óbidos ou Portinhos da Arrábida. São lugares únicos e, se vierem a ficar (como agora se diz) *urbanizados...*»

«As estradas são úteis — o que é lugar-comum — mas são mais ainda quando não se vêem dos sítios donde não devem ser vistas. Está neste caso a estrada directa Azeitão-Setúbal.»

Dois Concursos do S. N. I.

O júri do CONCURSO DE MONOGRAFIAS REGIONAIS, organizado pela Repartição de Turismo do S. N. I., classificou êste ano — que foi já o terceiro — as obras referentes à 3.ª zona, que abrangia as províncias do Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve, concedendo os seguintes prémios:

1.º — à «Monografia de Beja», de Abel Viana:

2.º — à «Breve Monografia da Notável Vila de Niza», de José Francisco Figueiredo;

3.º — a «Castelo de Vide, Vila Medieval — Cidadezinha Moderna», de João António Gôrdo.

★

Na próxima primavera — como todos os anos, desde 1941 — repetir-se-á o CONCURSO DAS ESTAÇÕES FLORIDAS, lançado pela mesma Repartição do S. N. I., e cujo êxito e eficiência se têm acentuado progressivamente. É de prever que êste ano os concorrentes se esmerem mais ainda nesses arranjos ornamentais que tornam tão atraentes e amáveis as povoações que aspiram a colher os frutos do incremento do turismo nacional.

País de turismo

«Com a publicação no dia 24 do mês findo de decreto-lei n.º 24.133, que remodelou os serviços do Secretariado Nacional de Informação, a legislação do turismo registou em Portugal um notável progresso e criaram-se as condições necessárias para a coordenação e desenvolvimento de uma indústria que interessa grandemente a economia nacional.»

«Em parte, o novo diploma sancionou a orientação seguida e os métodos adoptados por aquêle organismo na fase anterior que podemos qualificar de experimental.»

«Por outro lado, o decreto-lei determina que o Secretariado elabore o Estatuto do Turismo, diploma que o crescente desenvolvimento dêste ramo da actividade nacional torna imprescindível.»

«A adopção destas medidas vem no momento próprio. O turismo, nascido em fins do século passado com o aumento de facilidades de comunicação, experimentou um rápido desenvolvimento que só as duas guerras mundiais vieram interromper. Cedo se tornou uma indústria — uma indústria que tem as suas matérias primas naturais, cuja utilização requere uma elaboração altamente especializada.»

«Portugal possuía muitas preciosas matérias primas: um clima de extraordinária amenidade, uma situação geográfica incomparável que o coloca no cruzamento de algumas das principais rotas do globo, uma paìsagem rica em aspectos, uso e costumes cheios de colorido e característico. E contudo, por falta de iniciativa, por dispersão dos esforços individuais e por apatias do Estado, essas matérias primas permaneceram durante muito tempo inaproveitadas e Portugal ficou pouco menos do que isolado dêsse grande movimento de curiosidade internacional que levava os homens a saírem do seu país para conhecer terras estranhas e coleccionar sensações novas.»

(Do «Diário de Notícias»).

Algarve

No presente número do PANORAMA dedicamos algumas páginas a esta província — que é, sem dúvida, uma das que reúnem maior número de atractivos turísticos. Já nos números 14 e 21 lhe fizemos referências, mas, como o assunto está longe de ficar esgotado, continuaremos a focar em futuros números — e à medida que nos cheguem de lá os elementos necessários — outras zonas e aspectos turísticos do Algarve.

«Panorama» regista

★ A notícia, recentemente publicada, de que a capital do Algarve vai ser altamente favorecida com a construção de um grande aeródromo de carácter internacional, para o que já foi escolhido em Faro o terreno mais próprio, sob estudos realizados pelo Secretariado de Aeronáutica Civil.

★ Que a *Pousada de Santo António,* no Serém (Vale do Vouga) foi, há pouco, remodelada, passando a ser seu novo concessionário o Sr. Augusto Paramos.

★ O facto de ser da autoria do pintor Frederico George a admirável pintura a fresco que publicámos no número anterior, e que, por lamentável êrro de informação, atribuímos ao escultor Martins Correia — do que pedimos desculpa a ambos os artistas e aos nossos leitores.

★ O êxito da *1.ª Exposição do Documentário Gráfico,* sôbre arte antiga, costumes e paìsagens de tôda a região beiroa, desde o Tejo ao Douro e a leste da Serra da Estrêla (em 500 excelentes fotografias), realizada na Guarda, e que se repetirá, em próximos meses, noutras cidades da Beira Serra e da Beira Baixa.

ALGARVE

(Continuação)

Ah! o litoral algarvio! O assombro de Sagres e o enlêvo da praia da Rocha; a violência que subjuga os sentidos e a delicadeza que os afaga; o drama que exalta e o lirismo que extasia... Vamos, que ainda que não fôsse pela côr dos seus macios areais, que o sol tempera e faz refulgir, mas sòmente pela riqueza dos seus diversíssimos aspectos, o litoral do Algarve bem merecia a legenda turística com que os bairristas o classificam: — «Costa de ouro».

O «Guia de Portugal» acompanhou-nos em todo o passeio. Foi uma excursão que durou três dias. Folheio agora o mesmo volume e nêle encontro os passos sublinhados. Cá está... Não era, afinal, sòmente o inverno que aí se recomendava, como sendo a mais propícia estação; na página que acabo de reler, diz-se: — «Mas, para a Serra, deve talvez preferir-se a Primavera, pois é então que ela se cobre de estêvas, de tojos, de giestas e de rododendros em flor, enquanto o Verão deve ser apenas reservado à parte extrema do Barlavento, mais atlântico, pelas suas características gerais de clima».

Ora nós estávamos já no Outono, e íamos jurar que essa estação também é ideal para se percorrer a província de lés a lés... Isso foi o que fizemos — e com que mágoa, pela pressa que as circunstâncias nos impunham! É certo que não pudemos gozar o espectáculo das floridas amendoeiras, mas não foi só a cal dos prédios mouriscos de Olhão que nos brindaram com a sua brancura: também vimos, em Faro, as geométricas marinhas, que lá decoram alegremente outras cidades costeiras. Quanto ao clima, se era impróprio chamar-lhe primaveril, não seria falso afirmar que difìcilmente se encontraria outro adjectivo que melhor o definisse. Os costumes e usos regionais, e a doçaria popular, êsses como se sabe, são de tôdas as estações. Lá vimos, por isso, a graciosa *carrinha,* lá encontrámos, numa discreta estrada marginal, o típico vendedor de peixe no seu pachorrento burro, e lá provámos os saborosíssimos *doms-rodrigos.*

À volta, um de nós preguntou que faltaria ao Algarve para ser uma das mais completas e atraentes zonas de turismo do continente europeu — mas essa foi uma pregunta que nos deu pano para mangas: — Visionámos uma terra onde a Civilização moderna se dispusesse a semear os seus magnânimos benefícios: onde se edificassem hotéis decentes, e casas de habitação aprazíveis; onde se fizessem circular em estradas lisas confortáveis carreiras de auto-carros; onde se construíssem perfeitos campos de aviação e se explorassem, com alto sentido

turístico, as termas e as praias... Um infindável rosário de iniciativas, de realizações, de obras, de melhoramentos.

E, no entanto, sabemos que tudo isto está pensado, estudado e, até, projectado. Sabemos que se trabalha activamente na urbanização das Caldas de Monchique; dizem-nos que a Praia da Rocha aspira ardentemente a idêntica melhoria; é certo que vai ser construído, em Faro, um excelente campo de aviação; fala-se em estradas marginais, no desenvolvimento da indústria hoteleira, na edificação de pousadas, no saneamento das povoações e na resolução do problema dos transportes.

E de tudo isto se depreende que o Algarve tem motivos de sobra para não desanimar de vir a ser, como por tudo merece, uma grande zona turística do futuro.

Américo Nogueira

* * *

PINTURAS MURAIS NUM SOLAR EM BORBA

(Continuação)

Parece que o proprietário dêsse antigo Solar de Borba, coleccionador de antiguidades levara para lá e adaptara os belos painéis que, a julgar pelo carácter das termas e da pintura, seriam da autoria de um pintor estrangeiro, possìvelmente italiano e do fim do século XVIII.

Nas cenas de uma graciosa dança de salão, e de uma pitoresca vindima, bem como no estreito painel que representa um rapaz de capa e chapéu alto, os trajos, os cêstos e os fundos de vegetação com ciprestes, levam a concluir que as pinturas devem ter sido executadas por um artista italiano, que nelas recordou costumes e paìsagens da sua terra.

É possível que tenham sido executadas em Portugal, e mais provável que as tivessem adquirido no estrangeiro; mas, enquanto os historiadores de Arte não resolvem o problema, chamamos a atenção dos nossos leitores para as interessantíssimas pinturas que, além do curioso recorte dos ornatos, do espirituoso desenho e da riqueza do colorido, prendem pela graça dos motivos e movimentos dos personagens.

C. de V. M.

LAGOS

A COSTA DE OURO

A Baía de Lagos, formosíssima enseada cuja vastidão se pode avaliar sabendo-se que em 1906 ali se acomodaram 131 navios das esquadras inglesas do Atlântico e do Mediterrâneo, é emoldurada por um litoral maravilhoso: — para N. E. da cidade, a praia de S. Roque com 14 quilóm. de desenvolvimento, no sopé de suaves colinas cobertas de pomares; para S. O. um encadeamento de praias guiado pelo recorte da falésia, alta, de uma policromia rica, que a espaços ressalta em penhascos grandiosos fendidos pela erosão, até à Ponta da Piedade, limite da baía, onde a falésia entra no mar numa apoteose de alterosas penedias abertas em arcadas e túneis caprichosos, sôbre a água esmeralda, de uma limpidez luminosa, que os barcos atravessam ao passarem para o largo.

De Lagos à Ponta da Piedade destaca-se, entre tôdas, a «Praia de D. Ana» por ser a mais abrigada, por nunca lhe faltarem sombras e por proporcionar um local magnífico para banhos de mar.

Estas praias, pela variedade de aspectos que oferecem, dos quais destacamos o colorido raro do seu mar, a fantástica estrutura dos rochedos e arribas, a luminosidade deslumbrante do sol e o encantamento dos campos próximos, dão à Baía de Lagos os atractivos naturais que lhe asseguram o franco desenvolvimento da indústria turística.

O QUE HÁ EM LAGOS PARA SE VER

MONUMENTOS E IGREJAS — *Igreja de St.º António* (séc. XVIII — Mon. Nac.). Tôda em riquíssima obra de talha dourada, destacando-se os pormenores do púlpito e côro. Tem uma interessante colecção de quadros a óleo representando os principais milagres de St.º António; — *Museu Regional de St.º António* (anexo à Igreja). Com secções de arqueologia, numismática, etnografia geral e do Algarve, arte sacra, etc.; *Igreja de São Sebastião* (Renascença). Com uma pequena mas interessante capela de ossos; — *Igreja do Carmo, ou das Freiras* (séc. XVI); — *Capela de N.ª S.ª dos Aflitos* (a 2 ½ qms.); — *Capela de S. João.*

PRAIAS E EXCURSÕES — Visita às *praias de Lagos:* — Praia de S. Roque (Meia-Praia), Praia Formosa, dos Estudantes, do Pinheiro, do Pinhão, de D. Ana, etc.; — *Passeio Marginal* (caminho para peões) da Av.ª Marginal à Praia

ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMA. REVELAÇÕES, CÓPIAS E AMPLIAÇÕES FOTOGRÁFICAS. OS MELHORES LABORATÓRIOS.

RUA NOVA DO ALMADA, 84 - LISBOA - TELEF. 2 4670

Segurai a vossa vida e os vossos haveres

FUNDADA EM 1853

Garantia

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL 1.500 CONTOS. RESERVAS 47.063 CONTOS. SEDE NO PÔRTO RUA FERREIRA BORGES, 37. DELEGAÇÃO EM LISBOA—PR. D. JOÃO DA CÂMARA, 11, 1.º—AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS E IMPÉRIO COLONIAL.

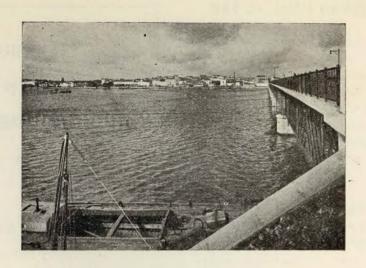
de D. Ana, sobranceiro à baía, contornando as reentrâncias da falésia. Lindíssimo, sobretudo em manhã de sol; — aos *baluartes da Cidade,* donde se avista um dos mais belos panoramas de campo e mar. É interessante, também, a vista das muralhas, ainda muito completas. (séc. XVI); — ao *Alto de St.º Estêvão* (percurso a cavalo ou de carrinha); à *Ponta da Piedade* (a 2 ½ qms.). Este passeio pode fazer-se por mar ou por terra. Aconselhamos, porém, o trajecto pelo mar, em pequeno barco de recreio, sobretudo em manhã de sol, permitindo, assim, observar-se o mais belo trecho da costa algarvia; — à *Praia da Luz* (a 6 qms.), dando a volta pela povoação de Espiche e descendo depois à praia; — ao *Forte da Meia Praia* (a 4 qms.), por lindíssima estrada que margina parte da baía; — a *Sagres* e ao *Cabo de S. Vicente* (33 qms.). Entre outros elementos evocativos do Infante D. Henrique e da sua Escola Náutica, tem muito interêsse a histórica «Rosa dos Ventos». A caminho de Sagres, junto à estrada, a 20 qms. de Lagos, está a Igreja de Guadalupe (Mon. Nac.) onde, segundo elementos da época, o Infante ia rezar e ouvir missa.

FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS — *Festa de N.ª S.ª da Piedade* (Padroeira dos Homens do Mar); *Semana da Misericórdia* (em dias indeterminados, durante a época balnear);

Romaria de N.ª S.ª dos Aflitos, no último Domingo de Agôsto; *Romaria de N.ª S.ª da Luz,* a 8 de Setembro; *Mercado de gados e apeiros,* no 2.º domingo de cada mês; *Feira da S.ª da Glória,* nos dias 15 e 16 de Agôsto; *Feira de Lagos,* nos dias 12, 13 e 14 de Outubro; *Feira Franca,* nos dias 20, 21 e 22 de Novembro.

DOÇARIA — Bolos de amêndoa; «bolos de D. Rodrigo» e «Morgados», produção particular e industrializada; «Estrêlas de figo e amêndoas»; «Figos Cheios»; etc.

INDÚSTRIA — *De figo;* recomenda-se a visita a um «fumeiro»; *Pesca e Conservas de peixe;* tem interêsse, em dia de faina, ver uma levantada das rêdes numa «armação» ou «traineira», e a visita a uma fábrica de conservas.

DESPORTOS — Pratica-se o foot-ball, basket-ball, desportos náuticos na baía, caça e pesca desportiva. Embora não haja parques demarcados, são inúmeros os locais óptimos para campismo.

PORTIMÃO
PRAIA DA ROCHA

Portimão é uma cidade industrial e de grande movimento portuário junto à foz do rio Arade. É a sua situação privilegiada — ponto de passagem obrigatório para quem vai à Praia da Rocha e centro de comunicações de uma excepcional zona de turismo — que lhe dá o verdadeiro interêsse que possui.

A *Praia da Rocha,* como o seu nome indica, tem nos rochedos que a alindam o seu principal encanto. Formados de argilas, arenitos e calcáreos, a sua ductilidade deixa o mar trabalhá-los, desagregando-os de tal maneira que, uns dessiminados pela imensa praia, outros emergindo da água em ilhéus abruptos ou ainda ao largo em leixões, parecem ruínas de construções ciclópicas.

A côr tem aqui, também, papel importante na soma de atractivos da paisagem — enquanto que «os rochedos exibem tôda a gama de coloridos quentes desde o amarelo ocre ao vermelho oiro, o mar é azul e violeta franjado a branco, a areia que se intromete nas moles de rochas é côr de ouro fino, o céu de um azul de opala, e na terra há todos os tons do cinzento ao longe no Monchique, e ao perto há todos os verdes desde o sujo da azeitona ao esmeraldino da alfarroba».

O clima suavíssimo da região, permite considerar a Praia da Rocha uma incomparável estação de inverno. E assim é fácil ver-se, quando as amendoeiras florescem, já em Janeiro ou Fevereiro, não os nacionais, mas os estrangeiros a tomarem o seu banho de mar.

Silves, que se deve visitar fazendo o percurso de barco desde Portimão, desfrutou noutras épocas uma situação de preponderância, talvez por então as comunicações lhe passarem mais perto. O rio Arade que se tem assoreado com o tempo, era fàcilmente navegável até àquela cidade, que por êsse facto foi um dos embarcadouros dos produtos da região. Há ali três monumentos de grande interêsse: — as ruínas das «muralhas mouriscas» e a Sé, de curioso conjunto avermelhado que provém da pedra da região, e um Cruzeiro de pedra finamente esculpida.

As *Caldas de Monchique,* que têem por Portimão a melhor via de acesso, com paisagem montanhosa granítica e profusa vegatação, têem banhos termais (32°) sulfo-alcalinos, únicos no sul do país. Ao seu estabelecimento de banhos acorrem todos os anos muitas centenas de doentes. Os turistas têem na serra grande diversidade de aspectos paisagísticos, sendo indispensável que façam a ascenção aos dois pontos mais elevados — à Foia (902 m.) e à Picota (774 m.).

O QUE HÁ EM PORTIMÃO PARA SE VER

MONUMENTOS E IGREJAS — *Igreja Matriz* (séc. XVIII) com interessante portal gótico; *Igrejas de Alvor e de Mexilhoeira Grande*, com pórticos manuelinos, aproveitados de templos que foram destruídos pelo terremoto de 1755; *Igreja do Colégio*, (séc. XVII) edifício típico da Companhia de Jesus; *Estação romana da Abicada*, restos de uma grande construção com lindos mosáicos que constituem um admirável documentário da arte romana; *Grutas de Alcalá*, necrópole de grande valor arqueológico do fim da época neolítica; e o *Castelo de Arade* (séc. XVI).

PASSEIOS E EXCURSÕES — à *Praia da Rocha*, cujo trajecto pode fazer-se na típica «carrinha» algarvia (2 qms.); Fortaleza de St.ª Catarina, Esplanada dos Castelos, Caminho do Vau; a *Alvor* (5 qms.); a *Silves* (17 qms.) de barco pelo rio Arade; *às Caldas de Monchique* (18 qms.); e a *Lagos* (18 qms.). Em *Portimão* o turista não deve esquecer os passeios até à Ponte, a Ponta do Dique e à Tôrre da Igreja.

CULINÁRIA — Pratos regionais confeccionados com *peixe* e *mariscos*.

DOÇARIA — «Morgados», «bolos de D. Rodrigo», estrêlas de figo e amêndoas, e doce de amêndoa.

INDÚSTRIA — Pesca, conservas de peixe, preparação de frutos sêcos, e os curiosos objectos de «empreita», entre êstes as embalagens de palma, cuja matéria prima é dada pela palmeira anã, ou palmeira das vassouras.

DESPORTOS — Foot-ball, tenis, patinagem, golf, desportos náuticos, caça e pesca desportiva. Tem bons locais para campismo.

HÓTEIS E DIVERSOS — Hotel da Bela Vista, Grande Hotel e Pensão Oceano, na *Praia da Rocha;* Hotel Central e Pensão Restaurante Peninsular, em *Portimão*. Cafés, restaurantes, pastelarias, bilhares e Casino.